

Rudolf Steiner

7 de Maio de 1923

Bom dia a todos! Pensaram em algo que gostariam de discutir hoje?

Pergunta: Dr. Steiner, o senhor poderia, por favor, dizer algo entre a relação de Cristo, Ahrimam e Lúcifer e o ser humano?

Primeiro precisamos olhar para as coisas com um ângulo ligeiramente diferente, caso contrario vocês sentirão que o que eu tenho a dizer é superstição infundada. Vamos primeiro nos lembrar de coisas que já discutimos anteriormente.

Hoje em dia, vejam vocês, as pessoas pensam que a natureza do ser humano é simples e uniforme. Mas não é. Somos permeados por um processo continuo de vida florescente, e depois de fenecimento. Nós não simplesmente começamos a viver no nascimento e morremos no momento da morte, mas, como tenho dito freqüentemente, estamos continuamente morrendo e depois revivendo novamente.

Se olharmos para a cabeça humana, por exemplo, podemos ver que a sua composição interna é toda substancia nervosa. "Filamentos" nervosos correm por toda parte do resto do corpo, mas no interior da própria cabeça é tudo nervo. Num desenho parecia algo assim (veja acima). Dentro, a cabeça e a parte anterior são nervo, uma espessa massa de nervos; uma parte dessa massa de nervos corre para baixo através da coluna espinal, e de lá irradia para todo o corpo. Estes filamentos que correm por toda a parte do corpo são concentrados na cabeça numa massa uniforme de nervos.

O interior do estômago do ser humano, por exemplo, tem inúmeros nervos. O plexo solar lá situado contém uma grande parte de substância nervosa.

Mas isso também é verdade para os braços, mãos, pernas e pés, pelos quais passam muitos filamentos nervosos.

Se mudarmos nossa atenção dos nervos para os vasos sanguíneos, encontraremos que estes, na cabeça, são um tanto delicados e finos, enquanto na região do coração eles são particularmente bem envolvidos; e nos membros eles se tornam fortes e grossos. Assim, podemos ver que há dois sistemas distintos e separados, desenvolvidos de maneira diferente em diferentes partes do corpo: o sistema nervoso e o sistema de vasos sanguíneos.

O fato é, vocês vêem, que nós estamos continuamente sendo rejuvenescidos através do nosso sangue, todo dia, toda hora. O sangue nos renova constantemente. Se tivéssemos somente o sistema sanguíneo, cresceríamos sempre, cada vez maiores, mais vitais. Se por outro lado, tivéssemos somente o sistema nervoso, estaríamos continuamente nos exaurindo e morrendo. Estas duas tendências opostas estão continuamente em ação em nós, simultaneamente; o sistema nervoso que nos envelhece constantemente, que nos leva continuamente para a morte e o sistema de vasos sanguíneos, ligado aos processos de nutrição, que constantemente nos rejuvenesce.

Podemos continuar com este tema: na velhice, vocês sabem, muitas pessoas se tornam esclerosadas ou, podemos dizer, “calcificadas”, ou endurecidas.

Pessoas que sofrem de um endurecimento nas artérias têm dificuldades em se movimentar adequadamente. Quando esta esclerose arterial se torna muito pronunciada, as pessoas podem se debilitar através de um derrame.

Mas o que este processo de endurecimento, de esclerose, nos diz? É realmente como se os vasos sanguíneos dessas pessoas estivessem tentando se tornar nervos. Os nervos têm que morrer continuamente durante toda a nossa vida; eles tem que participar de um processo que seria muito errado pra nossos vasos sanguíneos. Os vasos sanguíneos deveriam se manter vitais e vigorosos, enquanto as funções nervosas requerem um processo contínuo de morte. Uma pessoa cujo nervos são muito moles, não suficientemente “endurecidos”, pode se tornar

insano (louco). Em outras palavras, os nervos e vasos sanguíneos devem ser muito diferentes um do outro para funcionarem adequadamente.

Portanto, não podemos deixar de reconhecer o fato de que há dois princípios simultaneamente em ação em nós, que se opõem mutuamente. Nosso sistema nervoso nos faz envelhecer continuamente durante o dia. Durante a noite o frescor da vida é restaurado através do sangue. É como o balanço de um pêndulo: envelhecer, rejuvenescer novamente, envelhecer, rejuvenescer novamente. Mas cada dia que passa permite que um pouco mais de “idade” advenha, apesar do bom trabalho da noite, até que tenha resultado “idade” suficiente e nós finalmente morremos como um todo.

Estes dois princípios opostos do ser humano e o equilíbrio entre eles, tem amplas conseqüências para o homem. Se as forças de juventude e vitalidade são muito exageradas, as pessoas podem desenvolver pleurisia ou pneumonia. Coisas que são boas e adequadas em sua esfera correta se tornam tendências patológicas se estiverem fora de proporção. A doença sempre aparece quando aspectos que tem seu ligar correto e adequado escapam do controle e se imprimem muito distante do estado de equilíbrio. A febre aparece quando os processos de rejuvenescimento se tornam muito fortes: todo o nosso corpo começa a ser muito vigoroso e vital.

O desequilíbrio entre polaridades também afeta nossa vida emocional e mental. Assim como o corpo não pode se tornar nem muito febril, nem muito esclerosado, assim também as nossas almas. As pessoas têm uma certa tendência sobre a qual não gostam muito de ouvir fala, uma vez que ela é muito difundida hoje em dia, de se tornarem rígidas e pedantes. Um professor, por exemplo, pode facilmente se tornar ressecado e pedante, embora ele na realidade precise ser flexível e entusiasmado. Este é um fenômeno da vida da alma semelhante ao endurecimento físico das artérias. Mas podemos também nos tornarmos compassivos na alma, em tal caso nos tornamos sonhadores, “cabeça nas nuvens”. Podemos então nos tornarmos místicos ou teósofos, na medida em que evitamos pensar corretamente, de forma a permitir que nossa imaginação nos leve a outros mundos sem termos que afiar o nosso pensar. Nos tornamos místicos ou teósofos é o mesmo que ter a temperatura em alta.

Precisamos de ambas as tendências. Não podemos entender ou penetrar em nada sem a força da imaginação; e não podemos levar qualquer ordem às nossas vidas sem um tanto de pedantismo, sem mantermos algum tipo de anotações e controle das coisas. O que é necessário é o equilíbrio, a proporção correta.

Nosso espírito também é capturado por essas duas tendências. Imaginem o que acontece quando acordamos do sono, de fato, uma mudança abrupta.

Estamos deitados, bastante inconscientes sobre o nosso ambiente – alguém pode até nos fazer cócegas sem que acordemos. Então subitamente acordamos e vemos, ouvimos tudo. Esta é de fato uma mudança enorme em nossa condição e precisamos do poder, da força que nos permite acordar.

Mas esta pode se tornar muito forte se, por exemplo, não conseguimos adormecer, se somos atormentados pela insônia.

Há também pessoas que de fato, nunca acordam corretamente. Passam suas vidas numa espécie de estado de sonho crepuscular e sempre prefeririam estar dormindo. É claro que precisamos da capacidade para adormecer – mas não a tal ponto que não possamos acordar corretamente.

Vamos então resumir: podemos distinguir certas tendências polares no ser humano em três níveis diferentes. De um lado está o sistema nervoso que continuamente tende ao endurecimento e a calcificação. Todos vocês – com a exceção do rapazinho sentado ali – são suficientemente velhos para que seus sistemas nervosos estejam um pouco calcificados. Se seus nervos fossem ainda moles como quando vocês tinham seis meses de idade, vocês todos seriam loucos (insensatos). As pessoas loucas têm um sistema nervoso muito mole, infantil. Precisamos dessa tendência em direção ao endurecimento e a calcificação. Por outro lado, também precisamos em sua esfera correta, da tendência ao rejuvenescimento e ao amolecimento.

Corpo	endurecimento	amolecimento
	Calcificação	rejuvenescimento

Na nossa vida emocional, no âmbito da alma, podemos dizer que o endurecimento corresponde ao pedantismo, ao filistinismo, ao materialismo, à razão árida. Disto também precisamos na dose certa! Se não tivéssemos nada destas qualidades, seríamos “avoados” – em relação a tudo. Se não tivéssemos nem um sinal de pedantismo, não colocaríamos nossa roupa na gaveta certa; nós as colocaríamos no forno ou as penduraríamos na chaminé!

Precisamos da imaginação, mas não a ponto de erguemos fora da terra: e precisamos de um pouco de pedantismo, mas não ao ponto de nos tornarmos rígidos e fossilizados.

Uma vez conheci alguém que odiava a imaginação e o imaginário, a tal ponto que esta pessoa nunca ia ao teatro, muito menos a opera, pois dizia que era tudo irreal. Ela não tinha nem um lampejo de imaginação. Então, vocês podem ver que sem esta, podemos nos tornar um tipo de espécime muito ressecado, alguém que se esquivava da vida, ao contrario de uma pessoa verdadeiramente “cheia de sangue”.

Alma:	pedantismo	fantasia
	Filistinismo	sonhador
	Materialismo	misticismo
	Razão Árida	teosofia

Em relação ao nosso espírito, podemos reconhecer a tendência em relação ao endurecimento no processo de acordar. Quando acordamos, nos apossamos firmemente do corpo, começamos a usar nossos membros. A tendência oposta, em relação ao amolecimento, se expressa quando adormecemos, quando mergulhamos nos sonhos. Então abandonamos o corpo.

Espírito:	acordar	adormecer
-----------	---------	-----------

Vocês podem ver então, que estamos constantemente correndo o risco de oscilar muito fortemente entre uma ou outra destas direções. Um ímã, como vocês sabem, atraem o ferro; mas há dois aspectos neste processo, o magnetismo positivo e o negativo. Um atrai, o outro repulsa. No campo do fenômeno físicos, nos não ficamos nem um pouco embaraçados em chamar uma espada de espada, em nomear o que observamos. Eu descrevi agora as mesmas tendências polares em três âmbitos diferentes: o físico, o anímico e o espiritual. Vocês podem entender e reconhecer o que estou dizendo e observa-lás por si mesmos. Mas para fazer isto, é necessário chamar as coisas por seus nomes. Quando observamos o magnetismo positivo, nos precisamos ser claros quanto ao fato que não é o próprio ferro que traz este efeito, mais algo que esta agindo de modo invisível dentro do ferro.

Alguém que se recusa a contemplar tal idéia não consegue enxergar muito alem do próprio

nariz. É como se dizer que a atração magnética no ferro é uma bobagem. “O que é esta bobagem sobre o magnetismo?” – ele dirá “ É só ferro, nada mais nem menos que isto – eu faço a ferradura do meu cavalo com isso, é tudo o que há pra se dizer”. Esta é, sem duvida, uma visão um tanto pedante ou imbecil das coisas, pois a ferradura pode ter outros aspectos além da sua função aparente.

Da mesma forma, o processo de endurecimento e calcificação contem um aspecto essencial invisível, supra-sensível que é possível observar se desenvolvemos a capacidade para isso. Este aspecto é chamado “ arimânico”. As forças arimânicas são aquelas que continuamente buscam nos transformar em uma espécie de cadáver ressecado. Se somente as forças arimânicas agissem, nos seríamos calcificados, enrugados e fossilizados.

Estaríamos continuamente bem acordados e seríamos incapazes de adormecer.

As forças contrárias de rejuvenescimento e amolecimento, de imaginação e de fantasia, são as forças luciféricas. Nos precisamos dela para não nos tornarmos cadáveres. Mas se somente as forças luciféricas existissem permaneceríamos crianças toda a vida. Precisamos de ambas as tendências – sem as luciféricas seríamos velhos e anciãos aos três anos de idade; sem as arimânicas, seríamos eternas crianças.

Corpo:	Arimânicas endurecimento Calcificação	Luciféricas amolecimento rejuvenescimento
Alma:	pedantismo Filistinismo Materialismo Razão seca	fantasia sonho misticismo teosofia
Espírito:	estar acordado	estar dormindo

Estas duas tendências precisam ser equilibradas e harmonizadas. Como isso pode se dar? Nenhuma das tendências deveria ganhar a supremacia.

Estamos agora no ano 1923; e desde o ponto crucial do tempo, quando nossa contagem DC começou, até este momento presente, a humanidade foi exposta ao perigo das forças arimânicas desequilibradas. A educação hoje em dia, com exceção onde a ciência espiritual está ativa, tem uma tendência decididamente arimânica. Quando nossas crianças vão à escola elas tem que aprender coisas que de fato parecem muito distantes, até cômicas para elas, coisas em relação às quais elas não podem ter nenhum interesse real. Elas sabem, por exemplo, como são seus pais, e como são seus cabelos, olhos, narizes, etc. E então elas vão à escola e tem que aprender que esses sinais estranhos: P – A – I supostamente representam o pai que elas conhecem. O mesmo é verdade para tudo o que as crianças devem aprender na escola. Tudo é muito estranho para elas.

Esta é uma boa razão para formarmos escolas nas quais as crianças podem aprender coisas com as quais possam se relacionar, pelas quais elas tenham interesse. Se a educação continuar em seus passos atuais, as pessoas logo começarão a se tornar velhos prematuramente, a perder toda a flexibilidade, porque esta forma de educação é arimânica. Nos últimos 900 anos toda a nossa tendência evolutiva foi na direção arimânica. Antes era diferente.

Se olharmos para trás, para 8000 anos AC até o tempo da vinda do Cristo, as pessoas estavam expostas ao perigo oposto, o de serem incapazes de envelhecer. Naqueles dias antigos, as escolas como nós as conhecemos, não existiam. As únicas escolas eram para aqueles que haviam atingido uma idade respeitável e que deviam se tornar estudiosos. Não havia escolas para crianças naqueles tempos, pois elas aprendiam o que precisavam da própria vida. Ninguém tentava ensinar às crianças coisas estranhas às suas naturezas. Havia portanto o perigo oposto; das pessoas se tornarem muito luciféricas, com a cabeça nas nuvens, sonhadoras. Na verdade aqueles eram os tempos de grande sabedoria, mas havia a necessidade de que essa tendência luciférica fosse represada, refreada, caso contrário, as pessoas contariam umas as outras coisas sem sentido ou histórias de fantasmas o dia todo.

Em outras palavras: de 8000 AC até o tempo da vida de Cristo, foi uma época luciférica. De lá em diante, até nossos dias, tem sido a época arimânica.

Vamos olhar um pouco para a época anterior, luciférica. Os estudiosos viviam em estruturas do tipo de torres. A torre de Babel mencionada na Bíblia era justamente uma dessas “torres de marfim”. Os estudiosos viviam e estudavam lá. Eles sabiam das suas forças luciféricas de imaginação e fantasia, até mesmo do fato que suas observações dos fenômenos externos podiam contrabalançar estas forças. Eles observavam os movimentos das estrelas, por exemplo, e reconheciam que estes estavam de acordo com as leis que não estavam sujeitas

aos desejos ou á imaginação. Eles sabiam que se por exemplo, eles imaginassem um pedacinho de madeira sendo aceso e queimando até formar uma incandescência enorme, isto não aconteceria á partir de resultados reais, que de fato um pedacinho de madeira só produziria um fogo muito pequeno. O objetivo destes artigos estudiosos era de fato representar e reprimir nas pessoas as forças sobrepujantes da fantasia e da imaginação. E assim eles forneciam sua sabedoria e ensinamentos - embora muito do que ensinassem fosse justamente para diminuir a capacidade de fantasia luciférica das pessoas, e nem sempre relatavam a verdade. Havia um bom tanto de refugio misturado ao ouro e de fato é esse refugio que, na sua maior parte, sobreviveu daqueles ensinamentos antigos.

E se voltamos á época em que estamos agora, a época arimânica, podemos ver que nossa ciência moderna tem se voltado de maneira crescente em direção ao arimânico e atomístico. Esta ciência se tornou algo que nos torna relativamente secos e áridos, pois ela só leva em conta o mundo físico, material, calcificado.

Entre esses dois pólos está a terceira qualidade mediadora, que nós chamamos o verdadeiro Crístico. Meus queridos amigos, o verdadeiro Cristianismo é algo muito pouco conhecido no mundo. A cristandade mundial que conhecemos é algo bem diferente, á qual devemos de fato nos opor.

O ser sobre o qual lhes falei da última vez (2), que nasceu no ponto de virada dos tempos e que viveu 33 anos, não é como as pessoas o descrevem.

Ele queria dar á toda a humanidade ensinamentos que permitiriam as pessoas equilibrar as tendências luciféricas e arimânicas opostas. O verdadeiro sentido do Cristianismo reside na busca por este equilíbrio. O que as pessoas hoje em dia pensam como sendo Cristão não é, de fato, o que foi pretendido.

O que por exemplo, significa o Cristianismo no âmbito físico, na esfera da doença e da saúde? Significa ganhar um conhecimento real do ser humano, de tal forma que se uma pessoa sofre de pleurisia, podemos ver que ela esta muito sujeita ás influências luciféricas. Uma vez que eu sei disto, posso começar a tentar equilibrar ao: pratos da balança.

No caso da pleurisia, o arimânico é muito fraco, de tal forma que preciso acrescentar um

“ingrediente arimânico” á situação, para promover o equilíbrio.

Uma coisa que posso fazer é o seguinte: pego um pedaço de madeira da pereira, uma planta que tem um crescimento intenso, vigoroso na primavera. A madeira que fica próximo a casca é melhor, pois ela contém as forças de crescimento mais poderosas. Agora eu mato essas forças queimando a madeira até se transformar em carvão, e assim “arimanizando” as forças rejuvenescedoras da pereira. Depois eu mato este carvão até se tornar pó e o administro á pessoa que sofre de pleurisia pelo excesso de forças luciféricas. Então eu agreguei um ingrediente arimânico á uma condição excessivamente luciférica e criei novamente o equilíbrio. Eu mineralizei e assim também arimanizei a madeira da pereira transformando-a em carvão.

Podemos ao contrário, ter uma pessoa que adquiriu uma expressão cansada, pálida, de tal forma que imaginemos que ela poderá em breve sofrer um derrame. Os pratos da balança, nesse caso, estão pendendo em direção ao arimânico, precisamos reencontrar o equilíbrio administrando-lhe algo de uma qualidade luciférica. Como fazer isso?

Observamos uma planta: a raiz é dura e contém minerais e sais – em nada luciférico. O caule e as folhas também não são luciféricos, mas se continuarmos para cima, encontrarei um botão de cheiro doce. Ele está enviando substância dele mesmo para o cosmos – caso contrário eu não poderia sentir o perfume. Assim, deste botão eu extraio o suco, que tem uma qualidade luciférica. Este é administrado de maneira correta, de tal forma que o equilíbrio é restabelecido: eu curo o paciente ao contrapor a preponderância da tendência arimânica.

Como, ao contrário, a medicina moderna atua? Ela experimenta. Um químico descobre, por exemplo, o acetifenidina – não precisamos saber exatamente o que é isto, é uma substância complicada. Ela então é levada a um hospital, onde é experimentada talvez em 30 pacientes, aproximadamente. Suas reações, temperatura, etc., são anotadas e se houver algum resultado a substância é usada como medicamento.

Mas as pessoas não têm idéia do que realmente está acontecendo dentro do corpo humano. Não há uma compreensão do processo interno em andamento. A única maneira correta de prosseguir é se as pessoas perceberem que a pleurisia, por exemplo, indica uma tendência luciférica muito pronunciada, que precisa ser equilibrada pela arimânica; ou se um derrame indica a preponderância da arimânica, ela deve ser equilibrada pela luciférica.

Este tipo de abordagem é o que a humanidade precisa, pois ela não está, no momento, suficientemente cristianizada neste aspecto. O Crístico é o equilíbrio, é a busca para estabelecer o equilíbrio e a harmonia. Isto se aplica também para a medicina e a cura, num nível bem físico, bem prático.

Isto é o que eu quis também expressar na figura de madeira do Cristo (3) esculpida para o prédio do Goetheanum. Acima se vê Lúcifer, o luciférico, representando tudo que tem a ver com a febre, a imaginação, o adormecer, etc; abaixo se encontram todas as tendências ao endurecimento, ao arimânico. Entre estas duas está o Cristo.

Contemplar esta figura nos ajudará saber como proceder em todos os diferentes âmbitos; da medicina à ciência e a sociologia. Hoje em dia deveríamos começar a nos tornarmos conscientes de como as tendências luciféricas e arimânicas estão em ação na natureza humana.

Mas será que as pessoas têm, ou querem ter alguma relação com estas coisas? Há pouco tempo atrás havia um sacerdote, bem conhecido na Basileia e ainda mais longe, chamado Frohnmeyer, que dava palestras por toda a parte. Ele não se dispôs a vir e ver a escultura por si mesmo, mas leu relato de alguma pessoa (que por sua vez, também não se deu o trabalho de vê-la). Isto não o impediu de se pronunciar sobre esta escultura do Cristo e de dizer que Steiner, em Domach, estava fazendo uma horrível caricatura; uma imagem do Cristo cujas partes superiores tinham características luciféricas e abaixo, traços animais.

Vocês podem ver por si mesmos que isto é errado: a figura do Cristo tem uma cabeça bem humana. Mas o padre confundiu a questão. Ele nem ao menos sabe que a escultura ainda está inacabada abaixo – nem tanto formas animais tal como um pedaço de madeira não talhado. Mas ele era, apesar de tudo, um sacerdote, alguém que busca a verdade, e assim o mundo todo agora acredita que o que disse deve ser verdade. É muito difícil fazer qualquer progresso em tais circunstâncias, quando as pessoas não têm vontade de ver ou ouvir a verdade. As pessoas preferem tomar suas verdades das bocas de sacerdotes, embora neste caso isso tenha levado a uma mentira de enormes proporções. Mas isto não é o final da estória – é extraordinária a maneira como algumas pessoas pensam. Na época em que Frohnmeyer escreveu estas coisas, tínhamos o Dr. Boos conosco aqui no Goetheanum. Vocês com certeza sabem que o Dr. Boos gosta de tomar a defesa às vezes; vocês podem pensar que tomar defesa é algo tanto duro – um tanto arimânico – e que talvez se deva buscar um método mais suave – um golpe luciférico um pouco mais suave, talvez com um espanador. De qualquer forma, bem ou mal, Dr. Boos tomou a defesa, disse-lhe a verdade em termos bem precisos. E quem foi que recebeu uma carta de Frohnmeyer? Eu recebi! Foi uma carta longa de

Frohnmeier queixando-se do comportamento do Dr. Boos e pedindo a mim que contivesse seus excessos.

É espantoso como as pessoas pensam! Atacam alguém, fazem-lhe uma calúnia e depois pedem à mesma pessoa que os proteja contra alguém que tenta retificar a questão.

É um sinal da superficialidade e simplicidade do nosso tempo, eu temo que o público em geral não confie em seu próprio julgamento sobre muitos assuntos, mas que aceite o que aqueles em situação de autoridade coloquem diante deles.

O que é necessário é abrir toda uma nova corrente e direção de pensamento. As pessoas precisam entender que falar sobre Cristianismo “a torto e direito”, não vai nos levar muito longe. Ao contrário, precisamos torná-lo real na prática, de maneira bem “pé no chão”. Por exemplo, precisamos saber que a medicina pode se tornar cristã. Se alguém comeu açúcar continuamente toda a vida, desde a infância, e como resultado desenvolve um câncer de fígado, que é uma arimanização do fígado, precisamos saber como tratá-la pela administração de algo que contenha qualidades luciféricas. Assim como uma pessoa pode distinguir entre quente e frio, assim também precisamos aprender a distinguir entre as tendências luciféricas e arimânicas. Quando nossos membros enrijecem, estamos nos tornando arimânicos. Podemos contrabalançar isto aplicando faixas e roupas quentes, com algo aquecido e de natureza luciférica. Isto é somente um exemplo de toda uma abordagem, de uma maneira toda de compreender o ser humano; de tal forma que a medicina se torne Cristã.

A pedagogia e a educação também precisam se tornar Cristãs de alguma forma. Precisamos educar as crianças sem deixá-las prematuramente velhas desde a infância. Para fazer isso, precisamos deixá-las começar com coisas que tenham relação com elas, com as quais elas se relacionam naturalmente, nas quais elas estejam interessadas, etc.

Espero, então que esteja claro que as expressões que usei – arimânico, luciférico, Crístico – não são superstição infundada. Elas são de fato verdadeiramente científicas.

Olhemos agora, por um momento, para um aspecto do nosso desenvolvimento histórico e cultural. Desde os primeiros dias do Cristianismo até os séculos doze, treze e quatorze, os Cristãos eram de fato proibidos de ler a Bíblia, o novo Testamento. Somente os padres tinham

permissão para ler, e não a congregação de fiéis. Por quê? Porque os padres e estudiosos sabiam que era necessário ler a Bíblia da maneira correta. Ela foi composta num tempo em que as pessoas não pensavam como nós pensamos hoje, mas muito mais em imagens.

Se as pessoas a lessem de maneira errada, sem a preparação adequada, logo iriam descobrir que os quatro evangelhos se contradizem. E por quê? É claro que sim. Mesmo nos séculos quatro e cinco qualquer pessoa que tivesse toda esta clareza teria sido capaz de compreender por que é assim.

Imaginem que eu tire uma fotografia do Sr. Burle de frente e lhes mostre a imagem. Vocês com certeza o reconhecerão. Mas e se alguém entrar e tirar uma fotografia de perfil e lhes mostrar, vocês todos poderão se recusar a acreditar que é o Sr. Burle, pois o ângulo da fotografia irá lhes mostrar um aspecto com o qual vocês não estão familiarizados. No entanto, é claro que ainda assim seria ele. E se eu o fotografasse de costas, vocês poderiam dizer: “Este não pode ser o Sr. Burle, ele tem um nariz, não somente cabelo!”.

Da mesma forma, pode-se “fotografar” um processo espiritual de vários ângulos diferentes, cada um deles aparece um pouco diferente do outro. Os quatro Evangelistas são simplesmente descrevendo coisas de quatro ângulos diferentes. Mas á medida que o tempo passou, as pessoas deixaram de pensar que havia necessidade de se prepararem para ler os Evangelhos, ou para fazer qualquer outra coisa. Eles acreditavam que a preparação escolar era a preparação suficiente para tudo, que ao redor dos 14 ou 15 anos eles não deveriam mais se preparar, mas que deveriam ser capazes de entender tudo. Este tipo de crença é o que levou as pessoas a olharem

Para o Goetheanum aqui e dizerem: “Pessoas velhas, carecas, estão indo lá para aprenderem. É uma escola para os mais velhos – deve ser uma casa de loucos!” Eles dizem isso porque não podem imaginar que pessoas mais velhas podem ainda querer e precisar aprender. Mas precisamos ter clareza quanto ao fato que não podemos ler os Evangelhos corretamente sem a preparação adequada, sem começarmos a entender que eles encerram um tipo de linguagem em imagens. Se alguém quiser ler um texto chinês, precisa entender os caracteres chineses; da mesma forma, os Evangelhos serão um balbucio sem sentido para nós se não aprendermos a lê-los da forma correta. Assim também, para compreender as coisas de direito, precisamos aprender a reconhecer que o Cristianismo está totalmente relacionado a criar o equilíbrio entre o luciférico e o arimânico, de tal forma que nenhuma das tendências prevaleça às custas da outra.

É por esta razão que a Antroposofia não se envergonha de falar do Cristianismo nesses termos. Ela enfatiza que não se serve ao Cristianismo pronunciando a palavra Cristo todo o tempo. As pessoas freqüentemente acusam a Antroposofia de mencionar muito pouco ao Cristo. Mas eu refuto que a Antroposofia se acautela de falar do Cristo porque ela se lembra dos dez mandamentos, especificamente aquele que diz: “Não tomar o nome do Senhor, teu Deus em vão.” Um padre cristão, hoje em dia, costuma falar o nome de Cristo muitas vezes durante seu sermão. Mas se deveria somente falar este nome quando se tem realmente alguma compreensão do que ele significa! Isto é o que distingue a Antroposofia de uma superstição ou falsa piedade. A Antroposofia não quer ser nada além de científica. E é desta perspectiva que ela olha o acontecimento na Palestina, que aconteceu no ponto de virada do tempo, no limite entre os tempos antigos que eram luciféricos e os novos tempos, que são arimânicos, como um acontecimento de significado histórico e universal.

Somente quando começarmos a entender o que realmente aconteceu naquele tempo na terra, é que seremos capazes de chegar à nossa verdadeira herança, a nós mesmos. Hoje em dia as pessoas estão bastante “fora” de si mesmas, nos pontos de vista exteriores da ciência. Falaremos mais sobre isto na próxima Quarta- feira às nove horas. Isto, por agora, é minha resposta à pergunta. Espero que ela tenha lançado alguma luz sobre toda a questão.